

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

# REVISTA DE EDUCAÇÃO

## NESTE NÚMERO

AÍDA COSTA — ALBERTO ROVAI — ALCEU MAYNARD  
ARAÚJO — ANTÔNIO BOAVENTURA DA SILVA —  
AQUILES ARCHÊRO JÚNIOR — BENEDITO CALDEIRA  
— CÂNDIDA-EDISSA ZULMIREs DE CAMPOS — DAVID  
FONSECA SERRA — DEUSDÁ MAGALHÃES MOTA —  
FLÁVIO P. SAMPAIO — GILBERTO PEREIRA MACHADO  
— JOÃO CLÍMACO DA SILVA KRUSE — JOÃO FERREIRA  
DE ALBUQUERQUE — JOSÉ-OSVALDO RETZ SILVA —  
LILLO RODELGO — LYGIA ÁLVARES CORRÊA — MÁ-  
XIMO DE MOURA SANTOS — NELSON RIBEIRO —  
— NOÊMIA SARAIVA DE MATOS CRUZ — OSÉAS  
FIALHO — PAULO SONNEWEND — ROSALVO  
FLORENTINO

VOL. XXXVII

SÃO PAULO - BRASIL

Setembro-Dezembro  
de 1951

Números 60-61

(NOVA FASE)

---

SERVIÇO DE EXPANSÃO CULTURAL, INTERCÂMBIO  
E DIVULGAÇÃO

---

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

Secretário: Dr. Antônio de Oliveira Costa

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Diretor-Geral: Prof. Thales Castanho de Andrade

SERVIÇO DE EXPANSÃO CULTURAL, INTERCÂMBIO E  
DIVULGAÇÃO

Chefe de Serviço: Prof. Elisiário Rodrigues de Sousa

"REVISTA DE EDUCAÇÃO"

Chefe de Redação: Prof. Cândido de Oliveira

## REVISTA DE EDUCAÇÃO

VOL. XXXVII

SETEMBRO-DEZEMBRO DE 1951

Ns. 60-61

### SUMÁRIO

\*EDITORIAL ..... 3

#### CAPÍTULO DO ENSINO PRIMÁRIO

PLANO DE ESTUDO E UNIDADE DE LIÇÃO — Prof. <sup>a</sup> Cândida-Edissa Zulmires de Campos .....	11
O CINEMA E O ENSINO — Prof. João Clímaco da Silva Kruse .....	13
O SISTEMA MONTESSORI — Prof. Gilberto Pereira Machado .....	15
O MAL COMICIAL — Dr. Oséas Fialho .....	17
EDUCAÇÃO RURAL — Prof. <sup>a</sup> Noêmia Saraiva de Matos Cruz .....	19
ALFABETIZAÇÃO — Prof. Máximo de Moura Santos .....	21
METODOLOGIA DO CÁLCULO — Lic. Aquiles Archêro Júnior .....	25
AS COMISSÕES MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS — Prof. Alberto Rovai .....	33
PROBLEMAS DA ESCOLA RURAL — Prof. Nelson Ribeiro .....	37
RONDAS INFANTIS DE CANANÉIA — Prof. Alceu Maynard Araújo .....	41

#### CAPÍTULO DO ENSINO MÉDIO

PROBLEMAS DO ENSINO INDUSTRIAL — Prof. Flávio P. Sampaio .....	61
O ENSINO DO INGLÊS NO CURSO TÉCNICO INDUSTRIAL — Lic. João Ferreira de Albuquerque .....	65
A ARTE COMO PROFISSÃO — Lic. David Fonseca Serra .....	69
O ENSINO DAS LÍNGUAS VIVAS — Lic. Aida Costa .....	74
CALIDOSCÓPIO DA POESIA LUSO-BRASILEIRA — Lic. José-Oswaldo Retz Silva .....	74
ENSINO DA LITERATURA — Lic. Lygia Álvares Corrêa .....	85
ESTADO PSICOPATOLÓGICO EM NOSSOS ALUNOS — Lic. Deusdá Magalhães Mota .....	91
O PROCESSO DO APRENDIZADO — Prof. Benedito Caldeira .....	94
DISCIPLINA ESCOLAR — Prof. Paulo Sonnewend .....	99
GEOGRAFIA E DIDÁTICA EM "OS LUSÍADAS" DE CAMÕES — Lillo Rodelgo .....	105
CRESCIMENTO FÍSICO E DESENVOLVIMENTO MENTAL — Lic. Rosalvo Florentino .....	112
OBSERVAÇÕES SÔBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA NA SUÉCIA — Prof. Antônio Boaventura da Silva .....	119

#### CAPÍTULO DE DIVULGAÇÃO

ASSUNTOS GERAIS SÔBRE EDUCAÇÃO E CULTURA .....	127
--	-----

#### CAPÍTULO DE INFORMAÇÕES

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES .....	157
IDÉIAS E DEBATES .....	187
ATOS OFICIAIS .....	207

#### CAPÍTULO DE VERBETES BIBLIOGRÁFICOS

"VOZ INTERIOR" — Wilson Ferreira de Mello .....	231
LIVROS .....	231
REVISTAS .....	242

#### DICIONÁRIO-ÍNDICE

247

Prof. GILBERTO PEREIRA MACHADO

DIRETOR DO GRUPO ESCOLAR  
"JOÃO FLORENCIO", EM TATUI

*Algumas meditações sobre o processo educativo da eminente pedologista italiana Doutora MARIA MONTESSORI. — " ... a missão do Educador é criar, para as gerações futuras, homens capazes de poder — isto é, independentes e livres."*

**F'** SABIDO que a dra. Maria Montessori, nos princípios deste século, costumava levar seus alunos a passeio pelos bosques e prados, com o objetivo de ministrarlhes os sábios ensinamentos de que era um interminável repositório.

A notável psiquiatra e antropologista italiana, ardorosa defensora da filosofia Vitalista, fundiu o seu sistema educacional em três princípios básicos: **liberdade, atividade, individualidade.**

Concebiam a arguta educadora que a educação é mais desenvolvimento do que adaptação, e isto porque tinha sempre à mente as notáveis teorias da hereditariedade de Naegeli e De Vries. Vai daí o compreender-se a caracterização biológica do seu sistema, por ter nascido do ensino de crianças anormais, ao qual Montessori se dedicou de corpo e alma.

Ora, se Montessori via mais do que o ser social, o ser biológico, o ser vivo, — educar para ela seria permitir o desenvolvimento da vida, pondo as crianças em liberdade. Daí afirmar: "O verdadeiro desenvolvimento não depen-

de de uma precoce orientação ou adaptação do ser infantil às finalidades da espécie, mas da possibilidade de realizar as condições de vida, necessárias no momento presente de sua própria evolução".

Ela via a vida infantil não como uma abstração, mas como a vida de cada criança, isto é, não um acidente do qual se deve sair o mais depressa possível, mas, uma fase necessária, que deve ser vivida.

Se a liberdade para Montessori não significa abandono, mas a permissão para o desenvolvimento das manifestações espontâneas da criança, é natural que disso decorresse uma importante consequência: a liberdade como sinônimo de atividade.

Mas é preciso que o educador menos avisado impeça a criança de confundir "o bem como a imobilidade, e o mal como a atividade; porque o objetivo é disciplinar para a atividade, para o trabalho, para o bem; não para a imobilidade, para a passividade, para a obediência cega". Tudo se resolverá com referência a esta verdade, se para tal estiver a

criança bem ajustada, v.g., num ambiente adequado, sem pelas que tolham a sua maneira de se expandir, de se manifestar, de agir enfim.

Nossa atenção — diz Montessori — não se dirige a tôdas as coisas indiferentemente, mas àquelas que sejam simpáticas às nossas preferências. As coisas úteis à intimidade da nossa vida, despertam em nós o interêsse. Nosso mundo interior é criado por uma seleção do mundo exterior, adquirida segundo nossa própria atividade. As experiências pelas quais cada um de nós constrói seu eu, em relação ao mundo exterior, não formam um caos, mas são dirigidas por essas aptidões individuais”.

Dentro de suas conclusões, Montessori afirma que não há educação que não seja auto-educação.

Com respeito à individualidade, acha a pedologista italiana que ninguém pode ser livre sem individualidade, donde: as manifestações ativas da verdadeira liberdade desde a primeira infância, devem ser dirigidas infansivamente. A ação de educar deve ser norteada visando a esse ideal: auxiliar a criança na formação de sua individualidade. E disto temos conhecimento em qualquer ramo da atividade humana, pois todo o homem que realiza o que pode fazer pessoalmente, está ampliando suas forças nas ações que mesma; está se conquistando a si mesmo; multiplica seu poder e se aperfeiçoa.

Conclui-se disto tudo que a missão do educador é criar, para as gerações futuras, homens capazes de poder — isto é, independentes e livres.

os técnicos por decreto, ou por cabotinismo, cuja orientação constante é dificultar o que é fácil, complicar o que é simples, mas aparecer, de qualquer forma, nas tribunas ou com seus nomes constantemente repetidos na imprensa. Eles foram e são a desgraça do ensino público, e causam mais danos à Nação que todos os Lampeões e Sete-Dedos.

A escola antiga era querida dos alunos. Havia o recreio, de função altamente socializadora. Havia material didático bom e abundante, e ensino eficiente.

A escola paulista de hoje é desprovida de material. O período de três horas sem descanso é um crime contra as regras rudimentares de higiene mental. O segundo período é um crime para crianças e professores não há mais a correção diária de trabalhos. Desapareceu o canto comum.

Enfim, à medida que, em quantidade, cresceu a organização escolar paulista, decaiu em finalidade. E decaiu demais. Voltemos ao passado, aos tempos áureos de S. Paulo, líder da Educação no Brasil, se tivermos coragem e boa vontade.

## METODOLOGIA DO CÁLCULO

LIC. AQUILES ARCHERO JÚNIOR  
CATEDRÁTICO DE EDUCAÇÃO

**S**EM dúvida, é dos capítulos mais delicados da didática o ensino da aritmética no curso primário. O professorado primário está a reclamar constantemente assistência técnica neste particular.

Foi atendendo ao apêlo de inúmeros colegas nossos que desejam sugestões, assistência pedagógica, orientação no ensino da aritmética no curso primário que desenvolvemos, em dois cursos de férias (Julho de 1950 a janeiro de 1951), três aulas sobre "*Discrepâncias pedagógicas no ensino da aritmética*".

Sabemos que a aritmética estuda os números, suas propriedades e as operações que com eles se podem realizar. E' com o auxílio da aritmética que o homem chega a compreender o mundo que o rodeia sob o ponto de vista das relações de "número e medida".

A escola primária, no que se refere à aritmética, tem por dever ensinar a resolver os cálculos de aplicação na vida de todos os dias e exercitar o raciocínio em sua forma matemática.

Ora, em geral, ensinamos à criança *coisas que nunca irá aplicar na vida prática*. Assim, no ensino da aritmética, há ainda a preocupação de se ministrarem aos alunos da escola primária questões tais como frações compostas, raiz cúbica, máximo divisor comum, regra de mistura e liga, juros compostos, etc., de nenhuma utilidade na vida.

Ainda mais: ensina-se coisa já proibida por lei, talvez por ignorância, como acontece com as medidas antigas, já abolidas na vida prática, e ultimamente, com as medidas do sistema métrico decimal (Decreto-lei, de 1939).

A aritmética, pois, deve reduzir-se aos cálculos e operações que na vida têm muita utilidade; tais assuntos devem, porém, ser apresentados ao educando de modo simples, mais adequado possível, que o exercitem no raciocínio matemático.

A nova didática pretende que o ensino da aritmética aproveite tôdas as oportunidades que lhe oferece a vida diária da escola.

Acontece, porém, que a maioria dos professores primários não possui segurança docente na orientação do ensino desta disciplina, por falta de conhecimentos técnicos.

Tinha razão o nosso velho professor de matemática, um dos mais ilustres mestres que honra o magistério paulista, cujo nome pronuncio com orgulho e admiração — o Prof. J. Ferraz de Campos, antigo Assistente Técnico do Ensino Primário — quando, no seu admirável trabalho: "Sugestões para o ensino do cálculo" (1.º grau), publicado em julho de 1931, dizia: "Professores há, que de par com os livros de ciência e os romances da sua caprichada e por vezes valiosa biblioteca, não possuem uma pedagogia sequer. Sem o saber que se haure nos compêndios nem o que se conquistou na Escola por que nos formamos, sem prática nem iniciativa pessoal, geralmente sem pendor ou "simpatia" pela matéria, quantos dos nossos colegas não desanimam julgando-se incapazes de ensiná-la. E quando a isso são levados pelas circunstâncias, resolvem o problema procurando apenas ver, ou informar-se de como agem os seus colegas de classes idênticas. E daí, como os bons modelos escasseiam, imitam-se muitas vezes os maus. E daí, a rotina, o erro que se invetera, as atitudes que se cristalizam... O professor de nossos dias não pode mais conservar-se o professor de vinte anos atrás: tem que acompanhar o surto educativo, tem que aperfeiçoar a própria técnica".

Citando as palavras escritas por aquêlê nosso antigo professor, queremos repetir as mesmas idéias, os mesmos conselhos, queremos apelar para a boa vontade do nosso professorado para um esforço conjunto no sentido de melhorar o ensino de nossa terra.

Foi, pensando nisso, que nos dois cursos de férias desenvolvemos as seguintes aulas:

- 1.ª Aula: *Discrepâncias pedagógicas no ensino das frações;*
- 2.ª Aula: *Discrepâncias pedagógicas no ensino do Sistema Métrico Decimal;*
- 3.ª Aula: *Discrepâncias pedagógicas no ensino da Regra de Três.*

Vamos, abaixo, transcrever, as três aulas dadas:

1.ª Aula: *Discrepâncias Pedagógicas no Ensino das Frações.*

Indicaremos as principais discrepâncias pedagógicas com os exemplos abaixo, repetidos em dois quadros: (à esquerda, como se ensina, à direita, como se deve ensinar).

1.ª Discrepância

$\frac{2}{5} + \frac{1}{6} = \frac{12}{30} + \frac{5}{30} = \frac{17}{30}$	$\frac{2}{5} + \frac{1}{6} = \frac{12+5}{30} = \frac{17}{30}$
--	---

2.ª Discrepância

$6 - \frac{1}{4} = \frac{6}{1} - \frac{1}{4} =$	$6 - \frac{1}{4} = \frac{6 \times 4 - 1}{4} = \frac{24 - 1}{4} =$
$\frac{24}{4} - \frac{1}{4} = \frac{23}{4} = 5 \frac{3}{4}$	$\frac{23}{4} = 5 \frac{3}{4}$

3.ª Discrepância

$2 + \frac{3}{4} = \frac{2}{1} + \frac{3}{4} =$	$\left(2 + \frac{3}{4}\right) = \frac{(2 \times 4) + 3}{4} = \frac{11}{4} =$
$\frac{8}{4} + \frac{3}{4} = \frac{11}{4} = 2 \frac{3}{4}$	$2 \frac{3}{4}$ Nota: Faz-se como fração mista.

4.ª Discrepância

$\frac{4}{5} + \frac{5}{8} - \frac{1}{8} =$	$\frac{4}{5} + \frac{5}{8} - \frac{1}{8} = \frac{32 + 25 - 5}{40} =$
$\frac{4}{5} + \frac{5}{8} = \frac{32}{40} + \frac{25}{40} =$	$\frac{57 - 5}{40} = \frac{52}{40} = 1 \frac{12}{40} =$
$\frac{57}{40} - \frac{1}{8} = \frac{57}{40} - \frac{5}{40} =$	$1 \frac{6}{20} = 1 \frac{3}{10}$
$\frac{52}{40} = 1 \frac{12}{40} = 1 \frac{6}{20} = 1 \frac{3}{10}$	

5.<sup>a</sup> Discrepância

$$\frac{3}{8} \times \frac{5}{5} \div \frac{1}{4} =$$

$$\frac{3}{8} \times \frac{5}{5} = \frac{15}{40} \div \frac{1}{4} =$$

$$\frac{15}{40} \times \frac{4}{1} = \frac{60}{40} = 1 \frac{20}{40} = \frac{1}{2}$$

$$\frac{3}{8} \times \frac{5}{5} \div \frac{1}{4} =$$

$$\frac{3}{8} \times \frac{5}{5} \frac{4}{1} = \frac{3}{2} = 1 \frac{1}{2}$$

6.<sup>a</sup> Discrepância

$$\frac{2}{5} + \frac{1}{6} \times \frac{5}{2} - \frac{1}{3} \div \frac{1}{2}$$

(costuma-se efetuar as operações na ordem)

$$\frac{2}{5} + \frac{1}{6} \times \frac{5}{2} - \frac{1}{3} \div \frac{1}{2} =$$

$$\frac{2}{5} + \frac{5}{12} - \frac{2}{3} =$$

$$\frac{24}{60} + \frac{25}{60} - \frac{40}{60} = \frac{9}{60} = \frac{3}{20}$$

1.<sup>o</sup>) X ou ÷ ; 2.<sup>o</sup>) + e -

7.<sup>a</sup> Discrepância

$$0,2 + 0,5 \times 2 - 0,2 \div 0,8$$

(costuma-se efetuar as operações na ordem)

$$0,2 + 0,5 \times 2 - 0,2 \div 0,8$$

$$0,2 + 1,0 - 0,25 = 0,95$$

8.<sup>a</sup> Discrepância

$$0,555... = \frac{5}{9}$$

$$0,7222... = \frac{72 - 7}{90} = \frac{65}{90}$$

$$0,5 = \frac{5}{9} \quad 0, \boxed{5} = \frac{5}{9}$$

$$0,7\bar{2} = \frac{65}{90} \quad 0,7 \boxed{2} = \frac{65}{90}$$

NOTA: No curso primário só se conhece 0,555... a representação das dízimas colocando-se os pontinhos logo a seguir dos períodos. No entanto, o traço horizontal sôbre o número indica o período; o número entre o colchete também indica o período.

2.<sup>a</sup> Aula: Discrepâncias Pedagógicas no ensino do sistema métrico decimal.

O sistema métrico decimal pode ser ensinado dominando as seguintes regras:

1.<sup>a</sup> Os símbolos são escritos com letras minúsculas.

Assim: 5km, 5hm (e não: 5Km, 5Hm)

2.<sup>a</sup>) Os símbolos não têm plural.

Assim: 5m, 8km (e não 5ms ou 5 mts, 8 kms ou 8 kmts)

3.<sup>a</sup>) Os símbolos são escritos no fim do número.

Assim: 5,673km (e não 5 quilômetros e 673)

a) Não há medida que ultrapasse o km (não existe mais a *Míria*).

b) O decâmetro é representado com um *a* intercalado para evitar confusão com o decímetro. Assim: 8dam = 8 decâmetros.

★

Os alunos poderão manejar as medidas com facilidade. E' bastante que o professor escreva na pedra o seguinte quadro:

k	h	da	?	d	c	m
1000	100	10	1	0,1	0,01	0,001

Tratando-se de medidas de comprimento teremos:

km	hm	dam	m	dm	cm	mm
----	----	-----	---	----	----	----

Vamos explicar:

$$8,567\text{hm} = \text{quantos m?}$$

Ora, o aluno irá comparando o número dado com o quadro acima e dirá, 8hm, 5 dam, 6m.

Logo, coloca a vírgula no 6.

Assim terá: 856,7m

Observe-se que o aluno não precisa saber quantos metros vale o quilômetro para acertar o cálculo.

O professor processará, do mesmo modo, em relação às outras medidas.

**OBSERVAÇÕES:**

1.<sup>a</sup>) Nas medidas de *superfície*, o professor dirá que o processo é o mesmo, só que o aluno deverá "pular" de dois em dois algarismos.

Assim:  $47,26 \text{ dam}^2 = \text{m}^2$   
 Dirá:  $47 \text{ dam}^2$  e  $26 \text{ m}^2$ . Logo será:  $4726 \text{ m}^2$

2.<sup>a</sup>) Nas medidas de *volume*, o aluno "pulará" de três em três algarismos.

Assim:  $5,673 \text{ dm}^3 = \text{m}^3$   
 $0,005673 \text{ m}^3$  (a vírgula agora vai para a esquerda)

3.<sup>a</sup>) Não ensinar as *medidas antigas* que não se usam mais. As únicas a serem ensinadas são:

AGRÁRIAS:—  
 are (a) =  $100 \text{ m}^2$   
 hectare (ha) =  $10\,000 \text{ m}^2$   
 centiare (ca) =  $1 \text{ m}^2$

VOLUMES:—  
 estere (st) =  $1 \text{ m}^3$   
 decastere (dast) =  $10 \text{ m}^3$   
 decistere (dst) =  $0,1 \text{ m}^3$

COMPRIMENTO:—  
 milha =  $1852 \text{ m}$   
 nó =  $15,43 \text{ m}$   
 micron =  $0,001 \text{ mm}$

PÊSO (MASSA):—  
 quilate =  $0,2 \text{ g}$   
 arroba =  $15 \text{ kg}$   
 tonelada =  $1\,000 \text{ kg}$

3.<sup>a</sup> Aula: *Discrepâncias Pedagógicas no ensino da aritmética.*

**REGRA DE TRÊS SIMPLES DIRETA**

Problema: 5 cadernos custam Cr\$ 15,00; quanto custarão 18 cadernos?

Arma-se a Regra de Três:

$$\begin{array}{cc} 5 \text{ cad.} & 15,00 \\ & \times \\ 18 \text{ cad.} & x \end{array}$$

E' bastante multiplicar os valores que se acham nas extremidades de uma das retas e dividir o produto pelo valor que se encontra só numa das extremidades.

Assim:  $x = \frac{18 \times 15}{5} = 54,00$

**REGRA DE TRÊS SIMPLES E INVERSA**

Problema: 5 operários fazem uma casa em 180 dias; 12 operários em quantos dias a farão?

Arma-se a Regra de Três:

$$\begin{array}{cc} 5 \text{ op.} & 180 \text{ dias} \\ & \times \\ 12 \text{ op.} & x \end{array}$$

Aqui temos uma regra de três simples e *inversa*, porque *aumentando* o número de operários, *diminui* o número de dias.

Neste caso *invertemos* os dados de um só lado e efetuamos o cálculo como no caso anterior.

$$\begin{array}{cc} 12 \text{ op.} & 180 \text{ dias} \\ & \times \\ 5 \text{ op.} & x \end{array}$$

$$x = \frac{5 \times 180}{12} = 75 \text{ dias}$$

**REGRA DE TRÊS COMPOSTA**

Problema: 8 operários, em 10 dias fazem 600 metros de muro; 12 operários, em 18 dias, quantos metros farão?



Arma-se a Regra de Três:

8 op.	10 d.	600 m
12 op.	18 d.	x

Aqui, recomendamos o nosso processo que é rápido e não exige pensar. Colocam-se traços que partem das extremidades e cruzam nos efeitos (isto é, no que os operários fazem).

Assim:

8 op.	10 d.	600 m
12 op.	18 d.	x

$$x = \frac{3}{12} \times \frac{18}{8} \times \frac{600}{10} = 3 \times 18 \times 30 = 1620 \text{ m}$$

Observe-se como é fácil: multiplicam-se todos os dados que estão numa das retas (de ponta a ponta) e divide-se o resultado pelo produto dos dados que pertencem à reta do X.

Qualquer problema pode ser efetuado pelo mesmo processo. O professor deverá chamar o aluno que ao armar a regra de três composta terá que colocar os dados (causas) antes dos dados (efeitos).

Assim: os 8 operários e os 10 dias constituem as causas e os 600 metros os efeitos.



### APLICAÇÕES

A regra de três composta pode ser aplicada ao ensino dos juros descontos, etc.

Assim: Qual o juro (J) que o capital (C) de 6.000 cruzeiros, colocado à taxa (i) de 5% durante 2 anos (t)?

A regra de três composta será:

100	1	5
6000	2	x

100	1	i
C	t	J

$$x = \frac{6000 \times 2 \times 5}{100 \times 1} = 600$$

Resposta: Cr\$ 600,00

## AS COMISSÕES MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

PROF. ALBERTO ROVAI

Responsável pelo Setor de Relações com o Público do S.E.A.

"Os poderes oficiais — federal, estadual e municipal — quer isolados, quer conjuntamente, não estão ainda, por razões óbvias, em condições de dar escolas a todas as crianças em idade escolar. Assim, se formos esperar pelas providências governamentais, a mortificadora taxa de analfabetismo que existe em nosso país se manterá por muito tempo."

1 — O grupo de educadores que, no Seminário Interamericano de Educação de Adultos, realizado em Quitandinha de 27 de junho a 3 de setembro de 1949, desenvolveu o tema "Alfabetização e Educação de Adultos", definiu a educação de adultos em termos de integração social: "é a assimilação do indivíduo ou de grupos dispersos à comunidade, pela participação na herança comum da cultura e pela habilitação para atuar construtivamente na vida social".

2 — Em mais de um dos nossos trabalhos publicados na imprensa da Capital e do Interior, salientamos a feição latitudinária da educação de adultos. Evidenciamos que a Campanha de Educação de Adultos, que desde 1947 se desenvolve no Brasil, não visa simplesmente à alfabetização. Seus fins são do mais largo e profundo alcance social.

3 — Mostramos, igualmente, que a obra humanitária e patriótica consignada no programa da Campanha só por dois meios po-

derá ser realizada integralmente: "a") pela manutenção do caráter de "campanha" dado à iniciativa; "b") pela participação cada vez mais ampla e vigorosa das Comissões Municipais de Educação de Adultos.

4 — Quanto ao item "a" do tópico supra, justificamos nosso ponto de vista com as razões que se seguem. Os poderes oficiais — federal, estadual e municipal — quer isolados, quer conjuntamente, não estão ainda, por razões óbvias, em condições de dar escolas a todas as crianças em idade escolar. Assim, se formos esperar pelas providências governamentais, a mortificadora taxa de analfabetismo que existe em nosso país se manterá por muito tempo. O problema tem que ser atacado por via indireta, isto é, pela ação supletiva dos poderes oficiais — a qual não lhes infunde o temor de grande ônus financeiro — amplamente secundada pela colaboração particular. Daí a necessidade de se dar a essa ação supletiva o caráter de "campanha". A "cam-